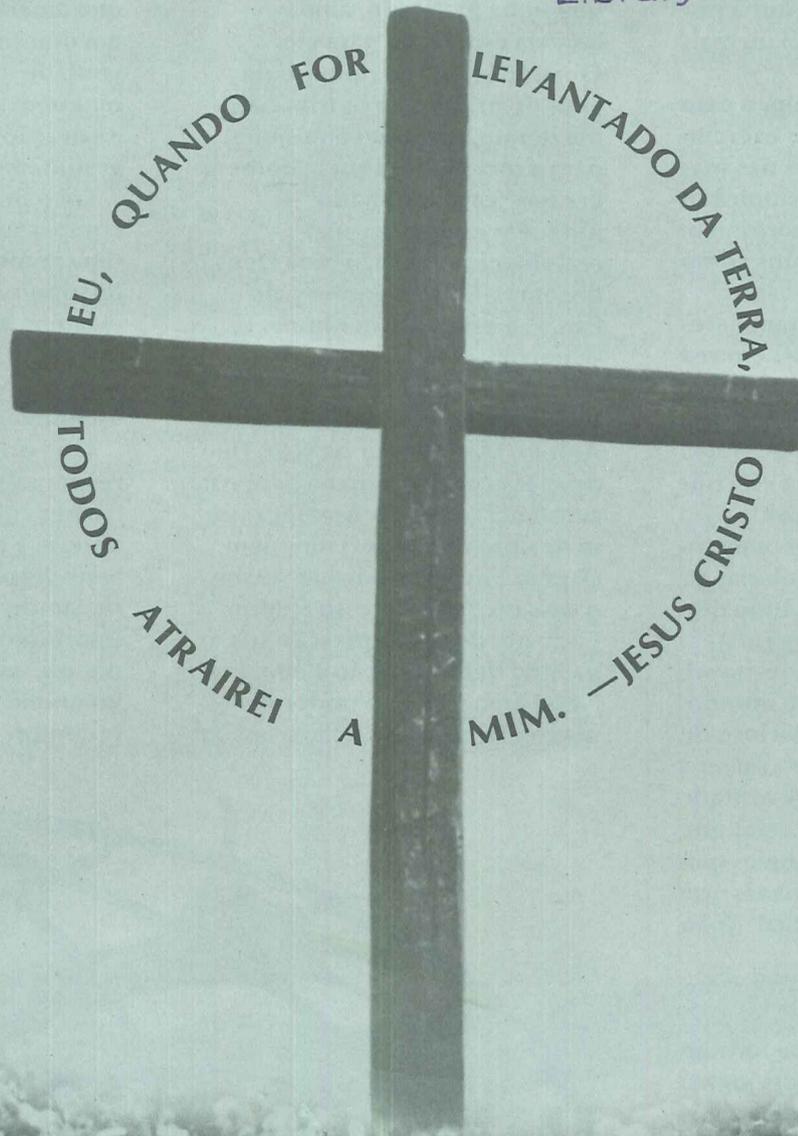


European Nazarene
Bible College
Library



EU, QUANDO FOR LEVANTADO DA TERRA,
TODOS ATRAIREI A MIM. —JESUS CRISTO

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO • 15 DE AGOSTO DE 1964



Uma das mais usadas figuras gramaticais é o *eufemismo*. Este recurso procura atenuar a expressão de uma ideia, substituindo a palavra própria por outra mais agradável ou mais polida.

Vejam, por exemplo, o caso de guerras. Quando um exército é atacado e sofre mortes nas suas fileiras, raramente o comunicado oficial usa a palavra *mortos*. Em vez dela, emprega termos como *baixas, soldados tombados* . . .

Mesmo nos círculos familiares usamos expressões afins: em vez de dizermos que fulano morreu, informamos que *partiu*, houve o *desenlace fatal*.

Mas a ideia de perda está por demais relacionada à vida para que a descartemos. No comércio há as tradicionais colunas de *lucros e perdas*; em que tudo que fazemos deixamos margem para o inevitável.

Quando Jesus veio ao mundo, expressou o mais ambicioso de todos os planos: salvar a humanidade inteira. "A vontade do Pai que me enviou é esta: que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que ressuscite no último dia" (João 6:38).

Agricultores estão acostumados a sacrificar plantas débeis para que outras, vizinhas, se tornem mais robustas. Fábricas jogam fora toneladas de artigos "rejeitados", não seja a marca do produto afectada por exemplares deficientes. Mas a Deus repulsa a hipótese de arrancar, sacrificar ou rejeitar alguém. O plano é deveras ambicioso. Enquanto economistas ensinam a tolerar um número inevitável de perdas, Deus teima em esperar que *todos* venham a arrepender-se" (II Pedro 2:9).

Lembro-me de carta que

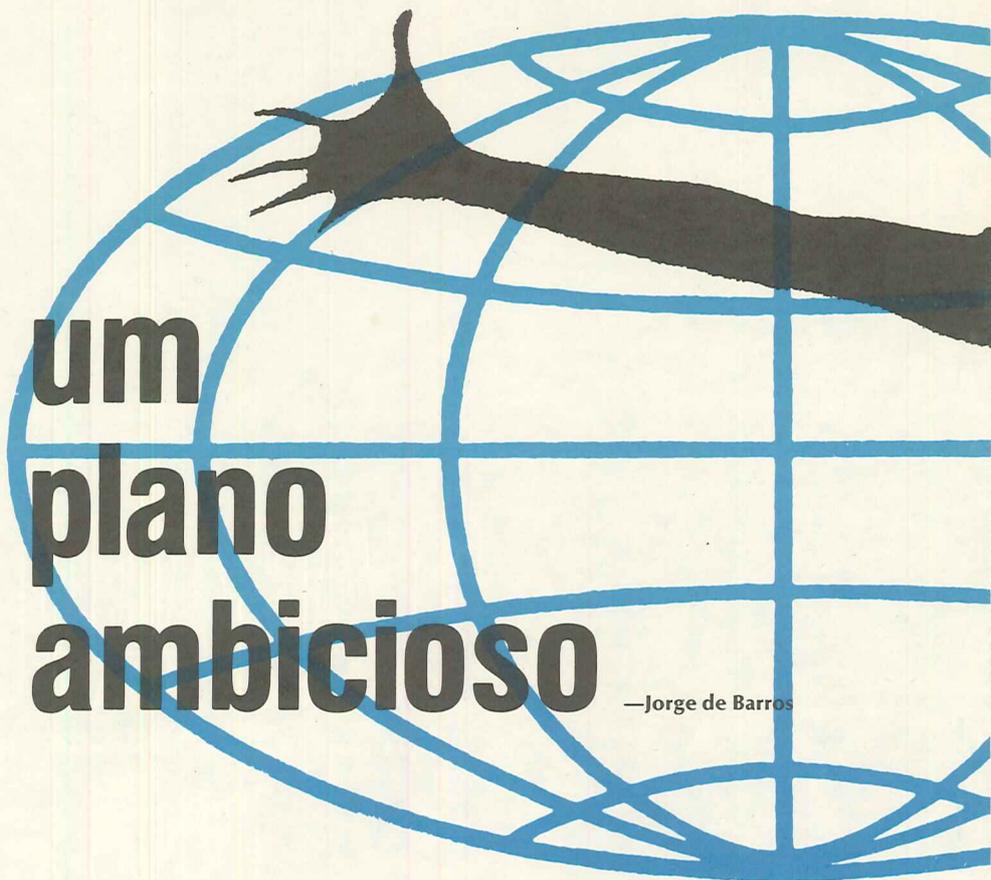
chegou em tempos aos nossos escritórios. O seu autor achava-se na prisão, por crime grave. Perguntava agora se, à luz do mal que tinha praticado, ainda haveria esperança para ele. Quando lemos do número de anos de prisão que os tribunais lhe deram, reconhecemos que, para a sociedade, aquele homem era um "caso arrumado"—ninguém esperava a sua reabilitação. Mas não para Deus, dissemos-lhe: "A vontade do Pai . . . é esta: que nenhum . . . se perca".

Temos o costume de atribuir tudo a Deus. Num sentido, como Autor e Sustentador da vida, Ele deve ser considerado na base e na substância de tudo. Mas façamos as devidas distinções: ninguém se perde ou peca porque "assim o quis ou deixou Nosso Senhor". Cada um de nós expressa a sua própria determinação e vontade. Nesta área, temos o poder de manter Deus à distância, se assim

escolhe a nossa alma. A soberania de Deus não viola a nossa de fazer escolhas. O mesmo Jesus que ordenou aos ventos e ondas que amainassem, é encontrado em oração pedindo que a vontade de Deus se faça: que ninguém se perca. Ele não ordena a salvação; oferece-a gratuitamente.

Foi o próprio Jesus quem comparou também a salvação a uma grande festa. Mandou distribuir convites, trazer a *todos* (Mateus 22:9). Um déspota mandaria arrastar, prender e trazer. Ele, o Amante Salvador escolheu convidar!

Que privilégio e responsabilidade! Devemos tremer ante a ideia de dizer não a Deus. É que, pela essência dos Seus próprios planos, negamos-Lhe então a oportunidade de salvar: a nós e, depois, ao mundo a que nos incumbiu de levar o Seu convite redentor.



A resposta a esta pergunta parece dispensar explicação. No nosso mundo, quer o assunto em questão seja económico ou desportivo—produtos nacionais ou jogadores de basquetebol—o maior é sempre o melhor. Não será?

Num dos seus livros, Jeremy Rifkin apresenta um caso bem documentado quanto à sua alegação de que os países industrializados têm conduzido perigosamente o mundo quase à bancarrota, esgotando os seus recursos naturais insubstituíveis e poluindo a terra, o ar e o mar numa corrida precipitada de desenvolvimento económico. E equipas de basquetebol menores e mais rápidas jogam, consistentemente, como Davi contra outros Golias, desportistas de mais de dois metros de altura!

E no que diz respeito à igreja: Não será a maior sempre a melhor? Se nós referirmos ao reino de Deus e ao Corpo de Cristo, com certeza que a resposta será “sim”. A comissão do nosso Rei e Noivo, de ir e fazer discípulos de todas as nações, significa que o crescimento é bom—quanto maior, melhor. A boa semente do evangelho é espalhada por uma razão: produzir fruto. E, qualquer colheita que apenas resulte em quantidade igual à semeada, realmente não é colheita. Jesus prometeu que haveria fruto—de 30, 60 e até 100 por cento. Zero não é crescimento.

E é nas igrejas locais que este crescimento se deve

verificar. Toda a igreja do Novo Testamento é melhor quando cresce. Qualquer racionalização para permanecer pequena, quer seja doutrinária ou de pureza ética, ou qualquer outra desculpa igualmente piedosa, é precisamente isso—uma desculpa. A vida do corpo deve produzir crescimento corporal.

Nesta época do “síndrome da super-igreja” também muitos de nós procuramos o máximo padrão de êxito. O raciocínio é que se o número em sua congregação atingiu mil ou mais, você já chegou ao alvo. Esta é só meia verdade. Graças a Deus pelas igrejas grandes. Nós precisamos de muitas mais. Mas a pergunta candente é: “Continua ela ainda a crescer?” Estacionar em mil discorda tanto com a Bíblia como parar em cem.

Duma recente avaliação, como parte do programa de doutoramento, um dos nossos estudantes deduziu que as igrejas grandes não estão a crescer mais rapidamente que as pequenas. O pessoal qualificado e os programas podem prover melhores actividades; mas, em muitos casos, não parece haver um crescimento acelerado da igreja. Uma congregação mais pequena que na realidade mostre aumento consistente, merece mais o título de “super” do que uma igreja grande que conserve o mesmo número de há dez anos. Esta classe de maior é melhor! □



—Eugene L. Stowe
Superintendente Geral

SERÁ O MAIOR REALMENTE O MELHOR?

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XIII — Número 16
15 de Agosto de 1984

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES**,
Administradora

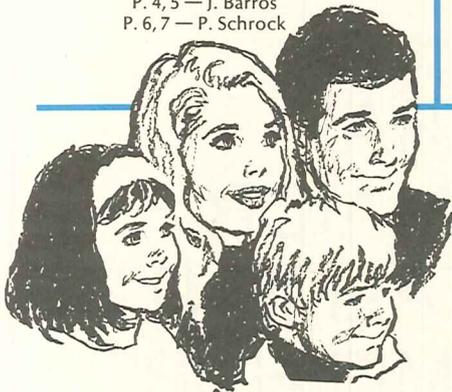
O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA (Associação
da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S. \$2.00; número avulso, U.S. \$.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by Publications Services—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S. \$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:

CAPA — H. Roberts
P. 2, 3 — Wallowitch
P. 4, 5 — J. Barros
P. 6, 7 — P. Schrock



a santidade e a família

—José C. Rodriguez

4 (244) 15 de Agosto de 1984



ENTUSIASMO

O entusiasmo é uma expressão que, unida à experiência e à sabedoria, produz milagres.

Sempre recordo os meus primeiros anos de ministério. Na assembleia distrital tinha sido enviado para novo campo. Entre outras coisas, esperava-me um projecto de construção dum templo.

Ainda hoje me soam aos ouvidos as palavras do superintendente geral, enquanto punha as mãos sobre os meus ombros e os de minha esposa: "Jovens, mantenham sempre um espírito optimista".

Com estas palavras queria dizer: "Precisam de ser corajosos. Conservem o entusiasmo, mesmo quando outros o percam." Mas disse estas palavras num tom que me fizeram pensar nelas muitas vezes. Verdadeiramente, tomei-as como regra de vida—*mantenham sempre um espírito optimista.*

Quatro sugestões relacionadas com o entusiasmo:

1. O entusiasmo gera vida

Todo o líder da igreja—quer a nível geral, distrital ou local, pastor, membro da junta da igreja

Comecemos por definir os termos: *santidade e família.*

Santidade refere-se mais particularmente ao estado ou condição de santificado e não tanto à experiência. Descreve um estado de pureza moral e espiritual: saúde completa da alma em que se possuem o Espírito e a imagem de Deus, com exclusão de todo o pecado (H. O. Wiley, *Introdução à Teologia Cristã*).

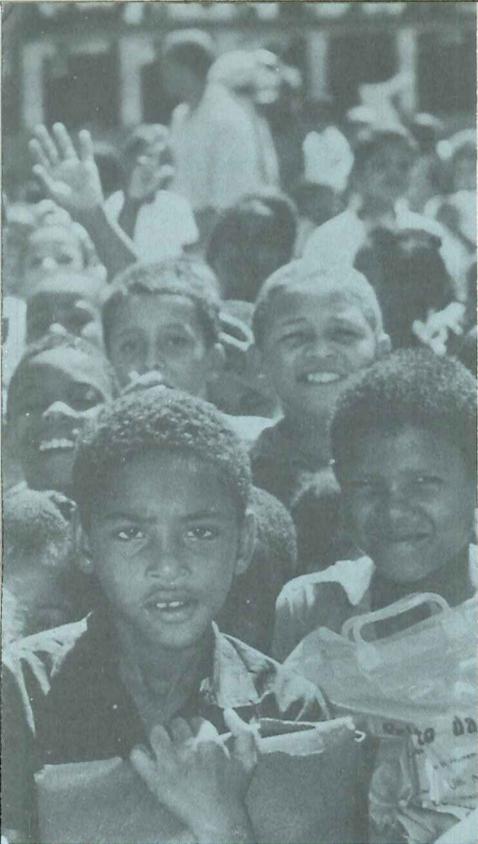
Por definição, *família* é um con-

junto de parentes que vivem na mesma casa. Também, cônjuges ou pais e filhos que habitam a mesma casa.

A primeira instituição estabelecida por Deus foi o lar. O melhor lugar para a *prática* e a *prova* da santidade é o círculo íntimo das relações familiares.

I. A santidade e a esposa

Os apóstolos Pedro e Paulo serão aqui os nossos mentores. Pau-



ou professor da Escola Dominical —deve recordar que ninguém terá verdadeiro interesse na tarefa que lhe cabe desempenhar. O entusiasmo nunca brota do fundo, tem de se filtrar de cima para baixo.

Como reitor de universidade, o que mais me surpreendeu ao cumprir a responsabilidade de recolher fundos económicos, foi ouvir as desculpas dum pastor de que os membros da sua igreja eram muito pobres.

Mais tarde um jovem graduado do seminário foi pastorear a dita

igreja. Era entusiasta e pensou que a sua congregação podia dar uma oferta para a universidade. No dia indicado apresentou o relatório à assembleia distrital com alegria e com espírito optimista. A igreja correspondera com entusiasmo e continua ainda a crescer.

2. O entusiasmo eleva

Minha esposa e eu visitámos há dias uma missão em Flórida (EUA). Tínhamos lá estado antes com uma assistência de nove pessoas. Mas num ano tudo mudara. Havia agora 60 e, entre elas, onze pais de família.

O pastor era entusiasta e contagiara a assistência. Estavam à espera da visita do superintendente de distrito para alguns projectos e uma refeição em comum. Convidaram-nos a participar do encontro abençoado.

O entusiasmo do pastor fora um desafio. Todos viam a possibilidade de ser uma forte igreja na comunidade. Eu fiquei tão animado como eles quanto aos planos para o futuro. O seu entusiasmo elevara a igreja a um novo escalão.

3. O entusiasmo cria confiança

Se os que nos rodeiam vêm em nós uma entrega genuína ao ministério, terão mais confiança. Se algumas barreiras são ultrapassadas, terão a certeza de êxito. À medida que as dificuldades se forem vencendo, o entusiasmo aumentará.

Na minha função de reitor de universidade, ao longo de anos, decidi enfrentar sempre com um sorriso nos lábios os membros da faculdade, o pessoal auxiliar e os alunos. Nem sempre foi fácil. Em certas ocasiões as muitas horas de trabalho, a pressão da responsabilidade e as decisões a tomar, faziam que eu passasse por algum aluno sem o notar. Logo que reconhecia o erro, retirava-me para descansar até recuperar novamente o entusiasmo no trabalho.

4. O entusiasmo assegura a vitória e o milagre

O pastor que serviu numa igreja 20 anos ou mais e a tornou forte e numerosa aprendeu a arte do entusiasmo que garante vitória.

Igualmente o reitor de universidade ou o professor que eleva a posição académica das aulas deve ser optimista e entusiasta em todas as fases do seu trabalho.

Isto só se pode conseguir quando o líder vê oportunidades em cada dificuldade, em vez de descobrir dificuldades em cada oportunidade. Terá vitória quando se anima no Senhor Jesus Cristo. E só poderá continuar quando tiver planos definidos, adquiridos pela experiência e feitos com sabedoria.

O entusiasmo é a expressão que une a experiência à sabedoria para, juntas, produzirem o milagre. □

—Harold W. Reed

lo principia com a relação mais elevada e delicada: a conjugal. A santidade pressupõe que a esposa: (1) aceite o marido como cabeça do lar (Efésios 5:22-24); (2) se sujeite a ele “como convém no Senhor” (Colossenses 3:18); (3) o respeite (Efésios 5:33). Pedro dá outra prova e exemplo: a obediência de Sara a seu marido Abraão (I Pedro 3:6). A norma e o alvo da esposa são: “Assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim,

também, as mulheres sejam, em tudo, sujeitas aos seus maridos (Efésios 5:24). Em I Pedro 3:1 achamos o propósito e a promessa da ordem divina para a família: “Semelhantemente vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que, também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos, sem palavra”.

II. A santidade e o marido

A experiência da santidade manifesta-se no marido: (1) por amor santo à esposa. É um amor que a santifica. O exemplo e alvo é o amor de Cristo para com a igreja (Efésios 5:25-27); (2) por amor terno: “Vós, maridos, amai as vossas mulheres, e não vos irriteis contra elas” (Colossenses 3:19); (3) o apóstolo Pedro mostra as profundas dimensões da santidade nos cônjuges, sob a inspiração do Espírito Santo, ao declarar:

"Vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco, como sendo vós os seus co-herdeiros da graça da vida" (I Pedro 3:7).

III. A santidade e os filhos

O apóstolo Paulo apresenta a prática e a prova da santidade referentes aos filhos: "Vós, filhos, sede obedientes aos vossos pais, no Senhor, porque isto é justo. Honra o teu pai e a tua mãe" (Efésios 6:1-2). Focílides escreveu: "Ama a tua família e contribui para que nela haja harmonia. Respeita as cãs e nunca regateies a honra devida à idade venerável. Honra o sábio ancião como se fosse teu pai".

A razão e a recompensa das exigências da santidade relacionadas com os filhos: (1) é justo diante do homem e de Deus que os filhos obedeçam aos pais terrenos; (2) a honra devida aos pais tem dupla recompensa: (a) "Para que te vá bem"; e (b) "vivas muito tempo sobre a terra" (Efésios 6:3).

IV. A santidade e os pais e filhos

A verdadeira santidade paterna não provoca a ira aos filhos, nem fomenta o desânimo. Antes cria os filhos na "doutrina e admoestação do Senhor" (Efésios 6:4; Colossenses 3:21). A disciplina administrada por um bom pai também tem propósito e promessa: para que os filhos possam participar da santidade divina (Hebreus 12:5-10). Grande responsabilidade a dum pai! Mas que privilégio para o filho: aceitar a disciplina paterna e poder participar da natureza divina!

Somente a experiência da inteira santificação possibilita que: (1) a esposa se dedique voluntariamente ao marido; (2) o marido trate com amor a esposa e a proteja como seu próprio corpo, assim como Cristo ama e cuida da Igreja; (3) os filhos obedeçam e honrem os pais; e (4) os pais administrem disciplina positiva que contribua para a perfeição da santidade nos filhos. □

O último culto de avivamento terminara. Um adolescente, de cerca de 12 anos, subiu à plataforma para se despedir de mim. Ele tinha sido abençoado no altar.

"Como está, amigo?", perguntei-lhe.

"Muito melhor agora". E prosseguiu: "Sinto como se um peso enorme tivesse sido levantado dos meus ombros."

Lembro-me também daquela sensação. A carga mais pesada na vida é o pecado e a consciência de culpa. Quando esta carga é removida pelas mãos do Senhor, a sensação de liberdade e alívio é maravilhosa. Um dos meus hinos favoritos é "Livre Estou". Há alguém que possa esquecer aquele momento?

Pense na carga a que Jesus se sujeitou quando crucificado pelos nossos pecados: "o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos" (Isaías 53:6). Só o Filho de Deus era suficientemente poderoso para suportar tamanho peso; o preço foi a Sua própria vida.

Carregar o nosso fardo é árduo; levar também as cargas do nosso próximo é ainda mais difícil; mas carregar o peso inteiro dum raça caída é acto de amor e poder que a nossa mente será incapaz de compreender— e isto foi precisamente o que Jesus fez no Calvário.

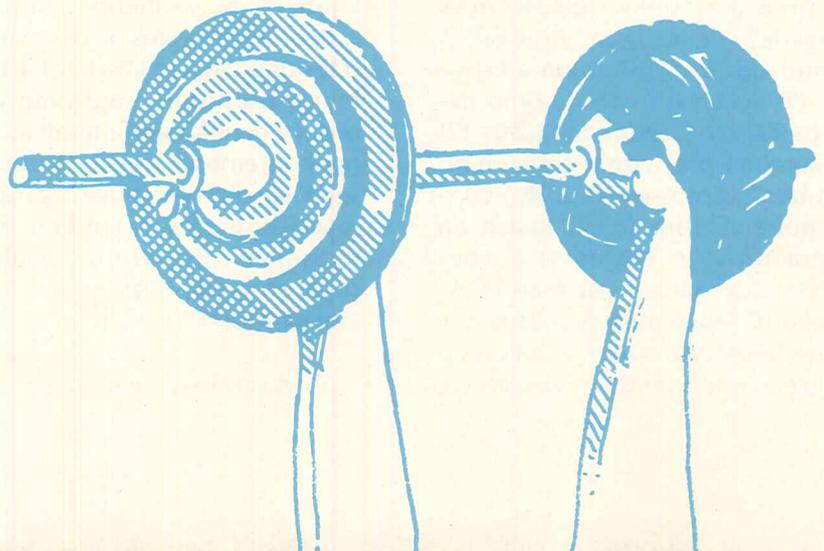
Naquele dia em que o meu jovem amigo perdeu o seu fardo, eu tinha explicado a história da cura dos dez leprosos. Aqueles homens tocados pela terrível doença clamaram: "Mestre, compadece-te de nós!" Alguns exercem domínio sem misericórdia. Poder sem amor tem destruído o mundo aos poucos. Outros exercem misericórdia, mas sem poder. Amor sem poder é inefectivo para satisfazer as nossas necessidades. Mas Cristo conjuga perfeito domínio com misericórdia, poder, simpatia e amor.

Numa inesquecível noite, enquanto o Dr. Edward Lawlor pregava, um rapaz e mais outras pessoas necessitadas descobriram que Cristo não só sente o nosso fardo como o levanta para sempre dos nossos ombros.

Ele é o maior "levantador de pesos". "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" O fardo mais pesado é levantado pela Pessoa com maior poder! Louvai o Seu Nome! □

JESUS O LEVANTADOR DE PESOS

—W. E. McCumber



A palavra *igreja* sugere ideias que variam consoante as pessoas. Quando dizemos igreja, podemos significar a cristandade, uma denominação particular, uma congregação local ou mesmo um templo.

Porém, um estudo atento do Novo Testamento—especialmente dos escritos de Paulo—revela que a *igreja, na sua essência, é a igreja local visível*.

Desde há muitos séculos que os escritores cristãos distinguem entre a igreja visível e a invisível. Hoje considera-se favorável a distinção entre igreja visível e invisível. Teólogos respeitáveis como Agostinho, Wycliffe, Lutero e Calvino se referiram a ela.

Por igreja invisível, eles significavam aqueles que tinham respondido à chamada de Deus para se afastarem do espírito do mundo e se unirem à vida de santidade. Por igreja visível, referiam-se àqueles que se tinham unido formalmente a determinada congregação, quer tivessem ou não respondido ao convite divino.

Estes homens devotos nunca pretenderam desvalorizar a membresia da igreja. Simplesmente, procuraram identificar a infidelidade, a hipocrisia e a falsidade na igreja visível. Nem todos os que se unem oficialmente à igreja ou se apresentam como membros são verdadeiros cristãos. O apóstolo Paulo disse: "Porque nem todos os que são de Israel são israelitas" (Romanos 9:6). E acrescentou: "O Senhor conhece os que são seus" (II Timóteo 2:19).

Mas, para Paulo, não havia distinção entre igreja visível e invisível. De acordo com o seu pensamento, a igreja consta de grupos de pessoas—pequenos ou grandes (Mateus 18:20)—em lugares definidos. As suas referências à igreja dirigiam-se quase sempre "à igreja de Deus que está em Corinto" (II Coríntios 1:2), ou à igreja noutra localidade geográfica, espe-

cífica. Paulo escreve às igrejas que estão em lugares determinados. De cada 50 vezes que a palavra *igreja* aparece nos escritos do Apóstolo, 20 encontram-se no plural.

A igreja em Corinto podia reunir-se num ou mais lugares. Mas a designação "Corinto" não significava tanto o local da reunião como a localidade onde moravam os membros da igreja. Isto é, eles viviam na cidade de Corinto. A igreja na nossa vila, cidade ou área não é a do endereço do correio, mas a localidade em geral onde nós, os discípulos de Cristo, vivemos, trabalhamos e testificamos.

No Novo Testamento, a reunião é um elemento essencial da igreja. Por isso, Paulo escreveu à igreja de Corinto: "Antes de tudo, ouço que, *quando vos ajuntais na igreja* . . ." (I Coríntios 11:18). E o autor da Epístola aos Hebreus declarou, para encorajar os que estavam em perigo de deixar Cristo e voltar ao Judaísmo: "Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns" (Hebreus 10:25).

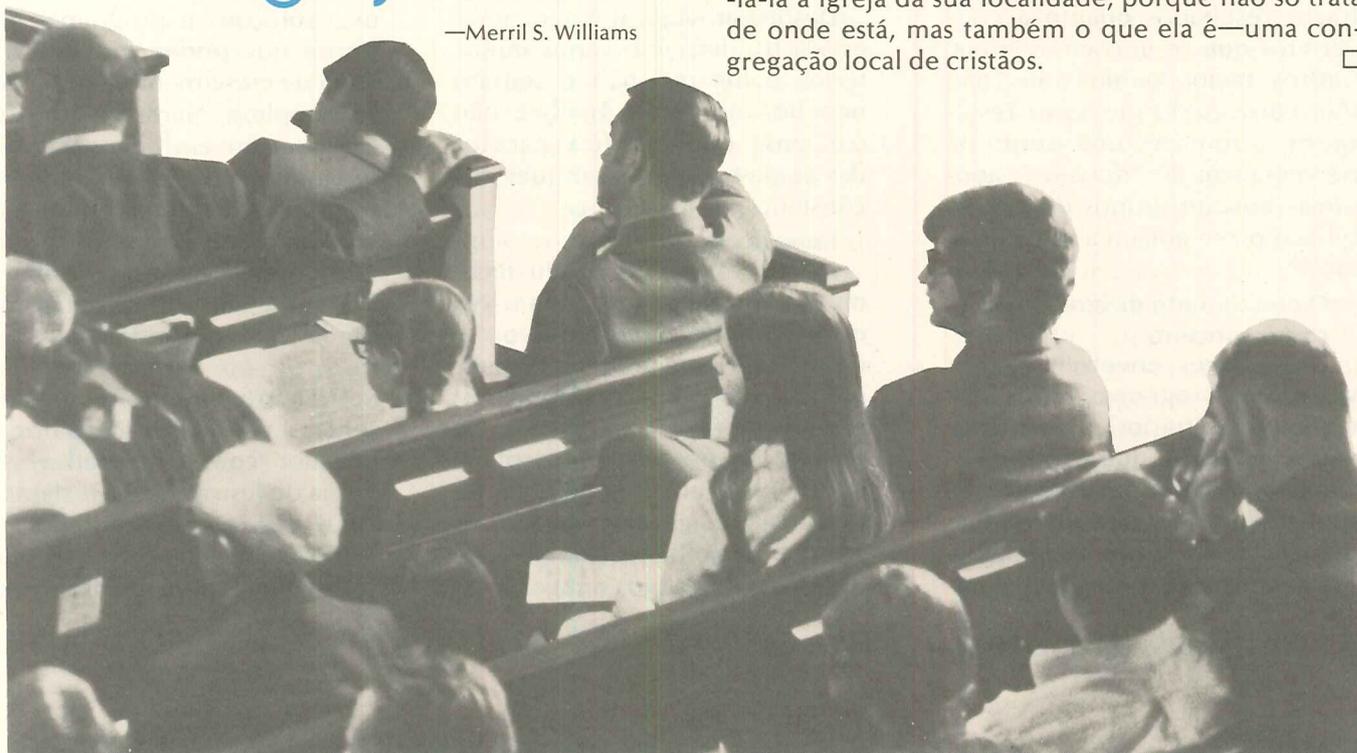
Ninguém forçava os cristãos da Igreja Primitiva a reunirem-se. Faziam-no porque queriam. O seu motivo provinha de dentro. Jesus os salvara de seus pecados. Tinham encontrado uma alegria que ultrapassava quantas antes conheceram e, agora, queriam reunir-se para adorar o Senhor maravilhoso. Amavam-no tanto que um, dois e até três encontros por semana eram insuficientes. Reuniam-se todos os dias para louvar a Deus (Actos 2:46)!

No entanto, isto não significa que quando a igreja se dispersa deixe de o ser. De forma alguma. Quando os membros da igreja saem para os seus lares, trabalho, escola, vizinhança, ainda formam a igreja. Terminada a reunião, a igreja continua a testificar àqueles que a rodeiam, através dos seus membros.

Se o apóstolo Paulo escrevesse hoje uma carta à igreja a que você pertence como a endereçaria? Seria "à igreja que está no mundo"? Não. Endereçá-la-ia à igreja da sua localidade, porque não só trata de onde está, mas também o que ela é—uma congregação local de cristãos. □

igreja local

—Merril S. Williams



Novidades e modas passageiras têm afectado muito o ambiente espiritual e o progresso da Igreja de Cristo. Alguns conseguem mostrar esforços esporádicos de interesse e crescimento. Frequentemente este espasmo desvia a Igreja da sua missão redentora. Por isso, vamos apresentar algumas sugestões acerca do "movimento do crescimento da igreja".

Cruzadas e campanhas evangelísticas

Estivemos por algum tempo envolvidos em cruzadas evangelísticas (urbanas, interdenominacionais) e pensávamos que as igrejas obteriam, individualmente, um grande crescimento. Mais tarde verificámos que poucos membros se agregaram às igrejas locais. As que conseguiram mais foram as de ampla visão que se prepararam para continuar o programa de discipulado entre os convertidos. As cruzadas evangelísticas ajudam a criar um espírito de fervor religioso e chamam a atenção da comunidade para o evangelho. Contudo, comprovou-se que grande número de decisões eram feitas por pessoas relacionadas com a igreja e que regressavam a ela depois da cruzada.

Saturação evangelística

Especialmente na América do Sul, a saturação evangelística seguiu um padrão semelhante, com fracos resultados quanto a convertidos que se unissem à igreja. Outros meios publicitários não têm conseguido melhores resultados. Somente uma pequena percentagem de "decisões" anónimas buscam grupos de estudo bíblico ou se afiliam a uma igreja local¹.

O crescimento da igreja como conceito

Os pastores envolvem-se por vezes em "programas novos" totalmente arbitrários. A mente humana, por ser o que é, aceita facilmente programas de antemão preparados. São raros os indivíduos que param a pensar e a formular conceitos. É mais fácil com-

prometer-se com algo específico que conceber princípios básicos.

O crescimento da igreja, por outro lado, cria princípios e procura o resultado final de qualquer programa, campanha ou cultos especiais que se realizem para o desenvolvimento da obra de Cristo na terra.

A boa mordomia exige lucros nos resultados finais de nossas estratégias e programas... especialmente por parte de quem os planeja. O evangelho acarreta uma responsabilidade da qual ninguém deve ou pode escapar. É inconcebível que os administradores da igreja queiram separar-se da sua responsabilidade do dinheiro e das vidas que se empregam na promoção da obra de Deus. Programas são bons e necessários, mas deverão mudar-se e ser substituídos por outros melhores. Métodos que foram altamente proveitosos em determinado tempo poderão agora ser substituídos por outros igualmente bons.

Este é o processo efectivo em todas as actividades da vida. Cristo procurou fazer dos Seus primeiros discípulos "pescadores de homens". Eles entendiam perfeitamente essa terminologia. O Mestre apresentou-lhes mudança de estratégia ao pedir que lançassem as redes para outro lado.

Desprezar algo novo quando está a frutificar em vários ministérios e lugares, não é sensato nem boa mordomia. Também não o é pensar que será eficaz para todas as pessoas em quaisquer circunstâncias.

Inovadores

João Wesley não cedeu facilmente a pregar ao ar livre. No princípio fê-lo com pouca vontade; depois, com grande entusiasmo pregou a milhares de mineiros nos arredores de Bristol, Inglaterra. De pé, sobre uma colina, com a vantagem da projecção natural da voz, aproveitou o novo método de colheita. Com ele desorientou os antigos amigos, mas

será uma fa o crescimen

os corações famintos escutaram jubilosos o evangelho.

Quando G. Carey se propôs levar o evangelho aos "pagãos" de terras longínquas, seus amigos, colegas e superiores consideraram-no desperdício de tempo e de esforço; pois diziam que, se Deus quisesse que os não cristãos se salvassem, acharia como fazê-lo.

Em certo sentido não podemos escapar de novidades na vida religiosa. A "novidade" é um estilo passageiro que atrai a atenção e cria certo prestígio. No entanto, uma novidade pode ser "irracional". Desejo esclarecer que "a Igreja de Cristo simplesmente carece de tempo para novidades ou estratégias publicitárias". No entanto, admito que se têm infiltrado na nossa metodologia.

Bases de crescimento da igreja

A luz da possibilidade de gastar o tempo noutra novidade, consideremos as bases de crescimento da igreja. Ninguém deseja desperdiçar o tempo em vulgaridades, soluções e programas arbitrários que podem prejudicar. A ideia de crescimento é sumamente complexa. Não se pode explicar num ou em dois parágrafos. O Dr. Donald McGavran diz que os escritos da Igreja Primitiva deveriam tratar com clareza de teologia, teoria e prática missionárias. Porém, a teoria estava em desacordo com a teologia missionária².

O Dr. McGavran procura apresentar a reconciliação do homem pecador com Deus, através da Igreja de Jesus Cristo. Declara que Deus deseja que se estabeleçam igrejas compostas de crentes batizados e que nos cabe dar atenção

ntasia to da igreja?

—Raymond W. Hurn



aos fundamentos antropológicos de tamanho, número, raça, cultura e relacionamento dos não convertidos. O cristão, para ser bom mordomo da graça de Deus, deve considerar e conhecer esses aspectos³.

O Dr. McGavran considera a "fidelidade a Deus" como elemento essencial na definição do crescimento da igreja. "Onde não há fidelidade na proclamação de Cristo, não existe crescimento"⁴. Opina ele que a igreja cresce quando os cristãos são fiéis em buscar os perdidos e em restaurá-los à vida no reino de Deus. Agregá-los e alimentá-los são factores essenciais da fidelidade.

Ele considera a obediência a Deus no estabelecimento e desenvolvimento de igrejas como algo que transcende o processo sociológico. Compreendemos a dificuldade quando nos aproximamos das diferentes classes de pessoas, no processo de "fazer discípulos".

Confusão universal

É este o título do capítulo quarto dum livro sobre a compreensão de crescimento da igreja. No mesmo se consideram causas semânticas, psicológicas, de promoção e teológicas que restringem o crescimento. Estas causas têm aplicação universal. O ministrar só a uma classe de pessoas; o estabelecer normas inatingíveis; o exigir um alto nível académico para todos os pastores; e o não aceitar críticas construtivas podem constituir estorvo para o crescimento da igreja.

Mudanças

Tudo se complica perante as rápidas mudanças sociais das últimas décadas. Desde 1960 surgi-

ram revoltas estudantis, marchas de protestos, assassinatos, subida de preços de combustíveis, inflação, perturbações políticas, falta de interesse religioso e pluralismo.

Princípios normativos

Observamos a igreja de hoje através dos olhos do erudito bíblico ou teólogo e de factores sociológicos influentes na vida da igreja e suas actividades. Para compreensão básica do crescimento da igreja comecemos por reconhecer os princípios bíblicos.

(1) A supremacia de Cristo

O primeiro princípio de crescimento consiste em aceitar a absoluta supremacia de Jesus Cristo como Salvador, Senhor e Cabeça da Igreja (Efésios 1:10, 22; 2:20; 4:15). Se Cristo é a Cabeça da Igreja, n'Ele recebemos bênçãos espirituais. Ele escolheu-nos para ser santos (Efésios 1:4), adoptou-nos como filhos (1:5), dá-nos graça abundante (1:6), proveu redenção pelo Seu sangue (1:7), escolheu-nos e selou a cada fiel com o Espírito Santo (1:11, 13).

A cabeça do corpo humano contém o cérebro, os órgãos sensoriais: olhos, ouvidos, nariz, etc. O cérebro permite a aprendizagem, o uso das experiências, o controle dos sentidos e de todo o corpo; da mesma forma Se evidencia Cristo, Cabeça de Sua Igreja, que é o Seu corpo. Ele é Deus (Colossenses 1:15-20).

(2) A autoridade das Sagradas Escrituras

O segundo princípio de crescimento é a admissão da autoridade das Sagradas Escrituras como guia concernente à vontade de Deus. Todos os líderes de crescimento da igreja aceitam a Bíblia. Se a verdadeira Igreja de Cristo deve crescer, comecemos pelos princípios e doutrinas que se encontram na Palavra de Deus.

(3) Obediência à vontade divina

O terceiro princípio está implícito no segundo. Quem cresce é obediente à vontade de Deus que

se revela na Bíblia. Está pronto a cumprir o mandato de Cristo: "Fazei discípulos".

Há um sentido de urgência na Grande Comissão. Os verbos estão no imperativo. A fidelidade a Cristo e à Sua vontade é o nosso maior desafio. A disposição de sacrificar interesses próprios para seguir a vontade de Cristo é o distintivo da igreja em posição de crescer.

(4) Responsabilidade

A responsabilidade dos mordomos é importante na doutrina de Jesus Cristo. Quando enviou os setenta evangelistas, incumbiu-os de orar: "Rogai, pois ao Senhor da seara, que envie obreiros para a sua seara" (Lucas 10:2). Buscar almas é o tema central das parábolas da moeda, da ovelha e do filho perdidos.

Viver bem e dar um bom testemunho é excelente, embora apenas o elemento inicial na evangelização. Proclamar as boas novas do púlpito é louvável, mas não cumpre a missão total de Cristo. O nosso Salvador não só alimentou famintos e curou enfermos, mas prosseguiu até dar a vida e enviar Seus discípulos.

Crescimento interno: Não é suficiente conservar as instituições, praticar boas obras e cuidar das ovelhas que já estão no redil. O grau de crescimento está na eficácia de achar e evangelizar os perdidos. A igreja deve crescer para além duma primeira célula de 35 membros. Esta deve crescer, dividir-se e subdividir-se. O desenvolvimento interior constitui parte vital do processo de crescimento. O ensino, a oração, o companheirismo e a adoração entram no crescimento. O aumento de membros deve ser um aspecto normal do processo dentro da igreja. Consegue-se este objectivo ganhando novos convertidos.

Multiplicação de igrejas: Atinge-se o alvo quando se estabelecem novas igrejas. As congregações locais devem ser agências principais para a multiplicação de

novas igrejas. Ao desenvolver o ministério da reconciliação, procuramos imitar o nosso Salvador Jesus Cristo.

(5) O conceito divino do mundo

Todos temos uma ideia acerca do mundo. Vemo-lo de acordo com a nossa percepção e o das pessoas que nele habitam. Somente quando virmos o mundo como Deus o vê, teremos motivos para nos esforçarmos em conseguir o crescimento da Igreja.

A Bíblia ajuda-nos a compreender o ponto de vista de Deus. II Pedro 1 e 2 apresenta o mundo sob o juízo de Deus. É um mundo perdido, irreverente, que aguarda o terrível julgamento divino. Mas Deus "é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se" (II Pedro 3:9).

A estratégia para o crescimento

O crescimento ensina que todo o cristão deve ter a sua própria estratégia para alcançar os perdidos. O alvo é "fazer discípulos", mas a estratégia consiste em conhecer o mais possível o grupo ou pessoas que desejamos ganhar. Há dados práticos à disposição dos fiéis, mas nem todos devem usar a mesma estratégia.

Na parábola do semeador (Marcos 4) vinca-se a necessidade de espalhar a semente no lugar e tempo oportunos. O bom lavrador não espalha por toda a parte a semente quando tem bom terreno. O cristão com interesse na vinha do Senhor procurará lugar, momento e estratégia adequados para maior proveito na edificação do reino.

Unidades homogêneas

Dirigir-se a certos grupos raciais ou culturais para ganhar almas é uma estratégia legítima (conhecida como o princípio de unidades homogêneas). O crescimento da igreja urbana será diferente da rural. Quanto maior for a igreja, mais identificáveis serão os grupos. Apesar da diversidade de grupos, eles adoram a Deus juntos, em unidade.

Os alvos locais de crescimento, o progresso e a análise da efectividade têm grande importância. O crescimento vem a ser uma força positiva que procura soluções e aceita "mudanças" como um estilo de vida.

Evangelização por esforço conjugado

A evangelização concede importância a todos os membros do Corpo de Cristo. Os dons espirituais são reconhecidos e exercidos com eficácia.

Fidelidade

Em I Coríntios 4:1-2, o apóstolo Paulo exorta à fidelidade. Esta exige reflexão, investigação, estudo e comparação.

A teoria do crescimento da igreja não é capricho nem moda passageira.

Quando a principal motivação dum obreiro é a obsessão pelo êxito profissional, o crescimento será apenas um capricho ideológico. Se faz planos e treina auxiliares, só para "ficar bem" ou para sobressair, o crescimento não passa de brio pessoal.

O verdadeiro crescimento baseia-se na Bíblia, seu propósito encontra-se no cumprimento do mandato do Senhor da seara. Ele nos chama à luta, tanto pastores como leigos.

Estão incluídos no crescimento da igreja a evangelização pessoal, os reavivamentos, o estabelecimento de novas congregações, o derrubar barreiras linguísticas e culturais, a construção de edifícios e a proclamação do evangelho. O crescimento da igreja utiliza recursos para formar conceitos, preparar, investigar e estabelecer princípios. Depois, avalia a eficácia dos programas úteis, enquanto vai eliminando os inúteis. O crescimento da igreja vive o optimismo de que "Cristo edificará a Sua Igreja". □

¹Dr. Win Arn, "A Church Growth Look At... Here's Life, America", Janeiro, Fevereiro, 1977, pág. 4

²Donald A. McGavran, *Understanding Church Growth* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1970), págs. 5-6.

³Ibid., pág. 6

⁴Ibid., pág. 15



—Thane W. Minor

COMO ENFRENTAR PROBLEMAS NA IGREJA

Os cristãos de hoje vivem na época mais extraordinária da história, graças ao progresso científico e à aplicação dos segredos da energia nuclear. Temos, ao mesmo tempo, muitas oportunidades e grande responsabilidade. Oportunidades, pela multiplicação e rapidez das viagens, abundância dos meios de comunicação, existência de organismos efectivos e uma população em pleno crescimento.

Responsabilidade, porque o universo moral, tanto como o mundo físico, têm equilíbrio; há uma reacção para cada acção. A um privilégio corresponde uma responsabilidade.

Há pessoas que percorrem hoje maiores distâncias, em cinco minutos, que os nossos avós num dia inteiro. Os transportes rápidos possibilitam-nos ver mais pessoas durante a vida que os antepassados em dez gerações.

Que devem fazer os cristãos acerca desta oportunidade de levar o evangelho de Cristo a necessitados?

Parece haver hoje mais interesse por Jesus do que nunca. No verão passado disseram-me em Jerusalém que se Jesus voltasse agora ao mundo, os judeus o aceitariam como Messias.

Na década passada, o aumento dos membros da igreja foi menor que o da população. Procuremos resolver este problema e encontrar meios eficazes para falar de Cristo e da salvação que Ele nos trouxe. Como poderemos fazê-lo?

Nos últimos 15 anos as técnicas de análise de problemas foram utilizadas com êxito pelo exército e empresas de alguns países. A igreja poderia usar processos semelhantes, sem receio de uma solução científica para os seus problemas. *Nunca deveríamos temer a análise de qualquer problema que a nossa igreja tenha de enfrentar.*

Há cinco pontos básicos para a solução científica de um problema:

1. Definir o problema

Alguns dos melhores analistas com quem tenho trabalhado nos últimos anos dizem: "Se conseguirmos definir o problema com clareza, está 50 por cento resolvido".

Escreva-o, medite nele, defina-o novamente e reduza-o a proporções mais simples.

Nesta primeira fase pode descobrir-se que há mais do que um problema. Então, procuremos separá-los e analisá-los individualmente.

2. Anotar os factores importantes

Geralmente são dados que representam pessoas, lugares, instalações, características, orientação e recursos.

3. Estabelecer normas

Inclui a identificação de reservas e limitações de fontes disponíveis, bem como métodos de procedimento e tempo para a solução.

4. Alistar todas as soluções possíveis

A lista abrangerá soluções "mediócras" e as consideradas "boas". Com frequência, combinando os "melhores" pontos de várias soluções, surgem alternativas mais eficientes.

5. Avaliar as soluções possíveis pelas normas estabelecidas no número três e, depois, fazer uma lista daquelas que têm prioridade, começando pela melhor.

Não é requerido treino em investigar operações

ou em analisar sistemas para se usarem as regras expostas.

Quais são alguns dos problemas que a igreja enfrenta?

É efectivo o número de cultos que temos ao domingo e durante a semana? Ou mantemos esse horário porque sempre foi assim?

Atraem os cultos gente nova? Ou separamo-nos do resto do mundo e nos regozijamos com a "nossa" religião?

Como poderiam os cultos ser mais atraentes para os que necessitam de conhecer Cristo? São planeados para "nós" ou para "eles"? Há preparação com antecedência? Celebramos os cultos de "qualquer forma"?

São as reuniões de avivamento preparadas, de molde a criar interesse para que os de fora desejem assistir?

Precisamos de trabalhar mais? Virão as pessoas à nossa igreja? Que poderemos fazer para as atrair?

Agrada a nossa música aos que precisam de salvação ou destina-se aos que já conhecem o Senhor? A quem procuramos alcançar?

Falamos de coisas em que não acreditamos, diante dos visitantes que ainda não aceitaram Jesus ou de novos crentes que precisam de força suficiente para uma vida cristã vitoriosa?

São os jovens crentes estimulados ou desanimados pelo comportamento dos cristãos maduros? Somos pessoas pacientes, que oram e ajudam a outros—ou estamos prontos a criticar?

A utilização de técnicas para resolver problemas não substitui o estudo bíblico e a oração. Pode ser complementar na vida espiritual e mostrar a nossa sincera determinação de encaminhar a Jesus os não convertidos.

Há duas classes de cristãos: os que obtiveram perdão dos pecados; e os que ofereceram "mãos limpas", em consagração, ao receber a plenitude do Espírito Santo.

Embora todos tenhamos direito aos mesmos privilégios de membros da nossa denominação, aqueles em quem habita o Espírito Santo têm mais poder. Por isso, o seu esforço em ganhar os perdidos é mais eficaz.

Apesar dos problemas que reconhecemos e dos métodos que usamos para os analisar, algumas coisas são imutáveis—o caminho da salvação é o mesmo—"Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23); "... e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (João 6:37); "E nisto conhecemos que Ele está em nós, pelo Espírito que nos tem dado" (I João 3:24).

Com um esforço sincero para resolver os nossos problemas e com a orientação do Espírito, manter-nos-emos à frente do aumento da população e ganharemos muitas almas para Jesus Cristo. O céu é o limite! □

As fábulas de Esopo, pertinentes em qualquer época, expressam muita sabedoria. O que ele conta acerca da tartaruga que venceu a lebre em corrida, embora esta fosse mais veloz, é apresentado hoje até em anúncios de televisão.

Quaisquer que sejam as circunstâncias, a lição de Esopo é clara: a paciência constante é mais eficiente que as acções espectaculares. Na vida prática a tartaruga ultrapassa a lebre.

Apesar da sabedoria de Esopo, temos a tendência de admirar o espectacular. Gostamos da velocidade e fizemos dela uma virtude, tanto nas fábricas como na pista de corridas.

Os cristãos compartilham esta tendência humana. Pessoas bus-

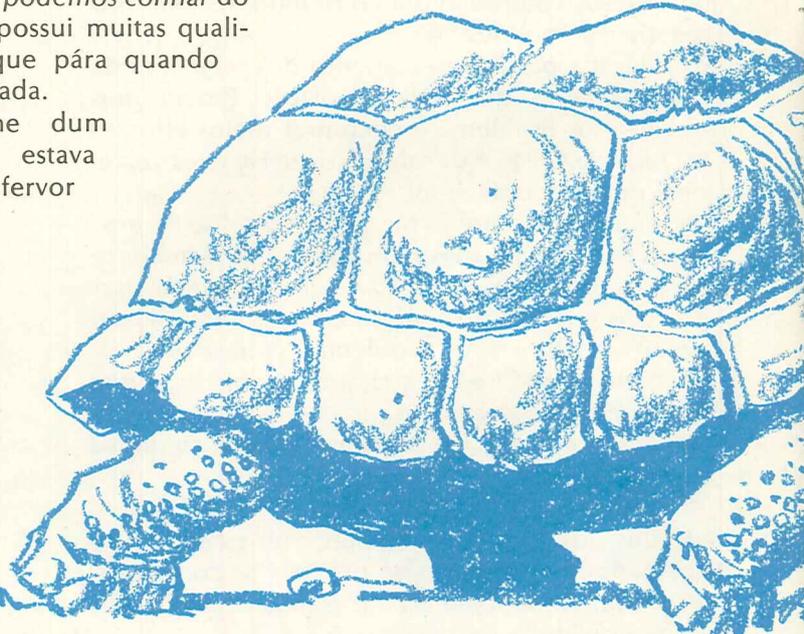
cam coisas extraordinárias; igrejas gostam de testemunhos dramáticos; conversões parecem impressionar mais do que o crescimento na graça. J. B. Chapman escreveu, num editorial publicado há 50 anos:

“Alguns cristãos têm que voar rápido ou morrer. Precisam de correr numa ou noutra direcção. Deixam-se guiar pela velocidade. Mas a experiência ensina que devemos mais ao cavalo de carga que ao de corrida; e mais ao cristão em quem *podemos confiar* do que ao que possui muitas qualidades mas que pára quando a carga é pesada.

“Lembro-me dum homem que estava tão cheio de fervor religioso,

quando eu o conheci, que me senti tentado a buscar uma experiência idêntica à sua. Mas verifiquei que ele tinha períodos tão intensos de depressão como de entusiasmo. Finalmente, surgiram certas dúvidas quanto à sua sinceridade. Acabou por fracassar completamente, perdeu a graça e a pureza moral e tornou-se incerto em termos espirituais e sociais. Ele podia voar e até correr, mas fracassou quando teve de caminhar.”

a constância é importante



igreja viva e saudável

—Louie Bustle



Em 1914, um jovem, chamado Roger Winans, ouviu a voz de Deus e começou a assistir a uma escola bíblica em Hutchinson, Kansas (EUA). Sentiu-se impelido pelo Espírito Santo para fazer algo, mas faltava-lhe descobrir de forma concreta o que o Senhor queria dele.

Numa segunda-feira de manhã, pegou na Bíblia, deixou o recinto escolar e embrenhou-se no campo. Ali ajoelhou-se e começou a orar pedindo a inspiração do Espírito Santo sobre a sua vida. Orou todo o dia de segunda-feira sem receber resposta satisfatória. Na terça-feira fez o mesmo e também nada conseguiu. Na quarta-feira seguiu para o mesmo local e começou a orar.

A meio da tarde Deus respondeu-lhe por intermédio duma visão. Roger nada sabia acerca do Peru e, muito menos, do grande rio Amazonas. Nessa visão, Deus mostrou-lhe uma comunidade de índios na nascente do Amazonas. Era um povo que nunca tinha ouvido falar de Deus. Estava perdido sem qualquer esperança. Na visão o Senhor disse a Roger: “É para lá que Eu quero que vás e Me sirvas”.

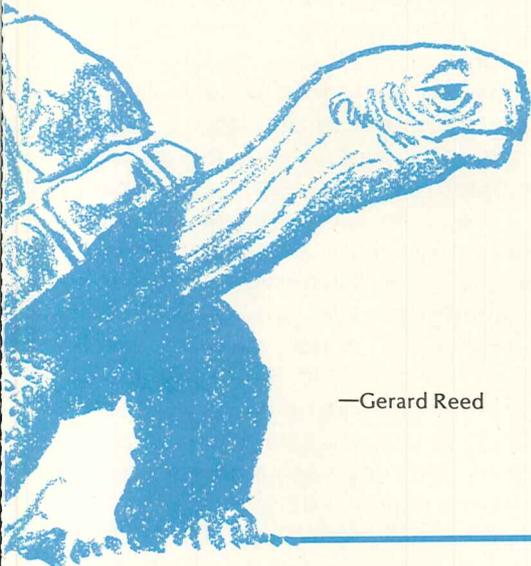
Foi essa visão que susteve Roger Winans, durante muitos anos, na tarefa de evangelizar os índios aguarunas. Fê-lo no meio de necessidades, sofrimentos e até morte de entes queridos. No entanto, Roger, como o apóstolo Paulo, pôde declarar: “Não fui desobediente à visão celestial” (Actos 26:19).

Viveu no Peru 17 anos sem nunca ter férias. Levou consigo a família para as florestas desse país onde, então, quase todos os adultos aguarunas tinham sido assassinos pelo menos uma vez na vida. Foi a visão do Senhor que lhe permitiu sobreviver em ambiente hostil, por 23 anos. Obedeceu à visão celestial.

Agora, volvidos muitos anos, encontramos a igreja viva e saudável entre os aguarunas. No princípio da obra de Roger, a sua vida e ministério foram difíceis.

Temos sido testemunhas daquilo que o Dr. Chapman descreveu. As personalidades sensacionais, dotadas de talentos ou testemunho extraordinário impressionam e ganham muitas vezes o respeito da igreja. Com o tempo a celebração passa a ser normal.

Por isso, criamos uma mentalidade anormal—e admiramos mais a pessoa que é como a lebre do que aquela que se parece à tartaruga! Muitos que crescemos na igreja podemos recordar quanto envejávamos as pessoas com talentos extraordinários ou que re-



—Gerard Reed

cebiam honras e atenção.

Talvez, se dêssemos mais importância ao fim da corrida que ao começo, pudéssemos desenvolver uma atitude mais saudável.

Os resultados “instantâneos” poucas vezes produzem qualidade. Os alimentos pré-cozidos podem servir de momento, mas só a comida bem preparada consegue satisfazer o gastrônomo.

Pintores como Miguel Ângelo e Wyeth afirmaram que o verdadeiro génio reside, essencialmente, no resultado dum trabalho árduo. Podem outros ter tido os mesmos talentos mas não a mesma determinação. Em quase todas as funções ou tarefas, uma dedicação disciplinada, “lenta” e não espectacular conduz à vitória.

O mesmo acontece na vida cristã. As crises são experiências importantes que dão acesso a um novo nível de vida. Mas, uma vez atingido este, a pessoa deve entusiasmar-se mais do que antes. Em vez de celebrar a experiência como um fim, celebremos a vida em Cristo sob o ponto de vista eterno e maravilhoso.

Ao concluir o seu editorial, o

Dr. Chapman disse:

“O êxito do reino de Deus entre os homens não requer em suma pregadores eloquentes, escritores brilhantes ou cantores mundialmente famosos, embora possam prestar serviço como indivíduos. Mas depende de cristãos genuínos que caminham rectamente por fé, quando já não podem ver, e que crêem quando já não podem apalpar; cristãos que talvez algumas vezes tenham de ir lentamente, mas que nunca se detêm. As cargas podem obrigá-los a caminhar mais devagar, mas nada os forçará a desfalecer.”

Jesus resistiu à oferta de Satanás que O desafiara a chamar a atenção do povo saltando de modo espectacular do pináculo do templo. Preferiu revelar Deus ao homem de forma normal. Trabalhou, ensinou, orou e sofreu. Ele mostrou como viver eficazmente e edificar o reino.

As tartarugas perseveram quando as lebres desfalecem. A igreja necessita de cristãos firmes e constantes. Louvemos os que, embora “lentos”, nos ajudam a prosseguir. □

Teve poucos resultados visíveis.

Depois duma vida inteira de serviço no mato, Roger descansou dessa visão constrangedora. O Senhor passou a visão a outros que continuam o trabalho entre os aguarunas.

Há 17 anos que a Igreja do Nazareno e o Espírito Santo enviaram um casal de missionários, Larry e Addie Garman, para viver no mato em condições difíceis. Larry não é ordenado, mas, como leigo, foi chamado pelo Senhor para ministrar aos índios aguarunas. O seu trabalho diário exige ensinar na Escola Bíblica, dirigir uma clínica e ser superintendente distrital das Igrejas do Nazareno na zona do rio Marañon. Existem algumas estradas, mas quase todas as viagens são de barco. Chegam a demorar vários dias, pois os obreiros têm de parar a quando das cheias do rio, após grandes chuvadas. Alguns pastores viajam dois dias de barco e andam três ou quatro a pé para alcançar o local do seu ministério.

Deus tem compensado os anos de trabalho. Há actualmente 55 igrejas e pontos de pregação entre um povo que nunca antes ouvira falar da salvação e do amor de Jesus. A obra continua a progredir. As

igrejas locais estão a tornar-se auto-sustentadas, auto-governadas e com auto-propagação. A Igreja do Nazareno tem um templo ou ponto de pregação em quase todos os povoados dos 25.000 índios aguarunas.

Agora Deus dirigiu Larry e Addie Garman para outra comunidade de índios. Estes vivem longe donde reside actualmente a família Garman, três ou quatro dias de viagem por rio. Também esse povo nunca ouviu que Jesus veio para lhes dar nova vida. Ninguém sabia que eles existiam, até certo dia em que dois homens vieram a uma igreja aguaruna. Ouviram o evangelho e converteram-se. Têm um dialecto parecido ao dos aguarunas. Um desses homens começou a assistir à Escola Bíblica onde Larry ensina e deseja ir estabelecer-se entre o seu povo. Larry nomeou-o evangelista e forneceu-lhe um barco para as idas à comunidade. No século XX, mais de 25.000 pessoas sem nunca terem ouvido acerca de Jesus Cristo! É uma das razões porque temos um orçamento geral na Igreja do Nazareno. É este o alcance missionário a que Deus nos chamou. Graças a Deus pela visão que há 70 anos deu a Roger Winans. E graças a Deus pela visão que hoje temos. □

S
N
M
MSantidade—
Nossa Missão
no Mundo
1980—1985

ZÂMBIA

Durante quase nove anos, a obra do Senhor foi enfraquecendo no Distrito Norte da Zâmbia. Por vezes chegou a parecer que quase todas as portas se estavam a fechar, por falta de obreiros.

Em 1976, quando terminei o curso na Escola Bíblica, fui pastorear a minha primeira igreja, em Chililabombwe, ao norte da Zâmbia. Reabri, assim, uma das duas Igrejas do Nazareno que se encontravam fechadas.

Toda a gente reconhecia que o trabalho nazareno atravessava uma crise de pastores. Mas o Senhor diz na Sua Palavra: "Eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação do século" (Mateus 28:20). A vontade nunca diminuiu. Ardia ainda na Zâmbia uma pequena chama.

Deus estava conosco. Depois de reabirmos com algumas pessoas a igreja de Chililabombwe, em 1977 iniciámos mais um ponto de pregação. Em 1980, o Distrito Norte da Zâmbia contava com 11 igrejas e pontos de pregação. Em 1982 os dois distritos (Norte e Sul) tinham 10 obreiros, 8 igrejas organizadas e 295 membros.

Quando a obra começou a desenvolver-se, o Rev. Ron Willard, superintendente distrital, organizou uma série de conferências destinadas à preparação de obreiros. Agradecemos a Deus por essas reuniões. Assistiram 15 pessoas. No tempo de oração, o Espírito de Deus desceu e todos fomos reavivados.

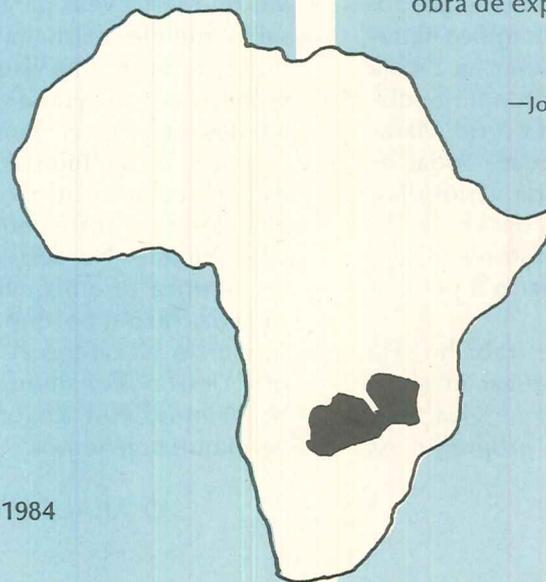
Mas o Diabo não dormia. Primeiro, morreu o neto dum dos participantes. Depois adoeceu gravemente a filha dum dos nossos pastores. Mas, apesar disso, continuámos a orar. No último dia das conferências, morreu repentinamente o filho mais velho doutro membro da reunião.

Na manhã seguinte, eu presidi ao funeral. Após ter pregado e orado, tentamos levar o caixão para o cemitério. Porém, no caminho, por obra das trevas, o ataúde começou a mover-se sozinho, em diferentes direcções. Levou-nos três horas a chegar ao cemitério. Orámos com fervor ao Senhor pedindo-Lhe Seu poder e ajuda. Finalmente, o caixão foi enterrado. O jovem que ia dentro tinha sido secretário numa congregação em Cimfunshi. Ao regressar a casa, o pai do rapaz disse-me: "Pastor, estivemos sob ataque de Satanás, mas ele não me impedirá de servir a Deus".

Sim, depois de tantas provações, a igreja continua a crescer. Há vários lugares prontos, onde estabeleceremos novas igrejas, logo que surjam obreiros. O Espírito do Senhor está a agir no nosso meio.

O pai do jovem que morrera, tornou-se forte e pronto para ajudar outros cristãos a fortalecerem-se. Cremos que o Senhor usou as tentações de Satanás para nos robustecer. Oraí conosco para que o Espírito Santo continue neste país a Sua obra de expansão e santificação. □

—Jorge Kaputula



هل ينظر الله الى الاعمال؟ هل ينظر الله الى القلوب؟

✓ **Apocalipse 20:12 diz que “os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras”. Porque motivo serão julgados os cristãos pelas obras?**

Porque os cristãos, como as outras pessoas, são julgados por Deus de acordo com as coisas que fizeram. “Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal” (II Coríntios 5:10; Romanos 4:10-12). Quer você identifique ou não “o tribunal de Cristo” com o “grande trono branco” (Apocalipse 20:11), não há fundamento para se duvidar de que os cristãos serão julgados pelas obras que praticarem.

Examine Salmo 62:12; Jeremias 17:10; Romanos 2:6; I Pedro 1:17. Não há dúvida que todas as pessoas serão julgadas de acordo com as suas obras. Isto não contradiz a verdade bíblica de que somos salvos por fé, não por obras. Além disso, concorda com a verdade de que a fé opera. A fé genuína é evidenciada pelo estilo de vida que produz.

✓ **Por que será que o nosso pastor nunca usa os formulários que vêm no Manual? Ignora-os nos eventos como: recepção de membros da igreja, dedicação de crianças, casamentos, funerais, sacramento da Ceia do Senhor, posse dos oficiais da igreja, etc. Gostaria de saber se ele pensa que o ritual é pagão ou se sabe mais do que os líderes da igreja que no-lo deram. Agradecia a sua resposta.**

Alguns leitores estão apenas interessados na minha resposta quando apoia a posição deles—mas não é esse o seu caso!

Só o seu pastor lhe poderá dar a razão pela qual não usa os formulários do Manual. Eu posso conjecturar, mas desde já discordo com as duas possíveis razões que você apresenta. A minha opinião é que ele achará os formulários difíceis de exprimir o que sente, inadequados para seu uso prático. Alguém faria um grande serviço ao nosso ministério se preparasse uma coletânea de rituais com mais do que

uma escolha para cada evento, escrito de forma diferente da usada no Manual. Os rituais não são “inspirados” nem devem ser exigidos como parte obrigatória de eventos como os mencionados na sua pergunta.

✓ **Não estará Deus ofendido com os cristãos do ocidente que têm mesas fartas, quando noutros países, evangélicos passam fome e sofrem em campos de concentração? Sabe-se até que vários pastores têm morrido.**

Há casos em que lhes caem os dentes e o cabelo, por falta de alimentação adequada. Os prisioneiros são obrigados a trabalhar dez horas diárias.

Sim, concordo que o comodismo desagrada a Deus, bem como a indiferença quanto à condição daqueles que sofrem no mundo à nossa volta. Cabe-nos fazer quanto esteja ao nosso alcance para aliviar o sofrimento humano, repartindo os nossos recursos, influenciando legislação justa e aplicando, para a solução do problema, todos os meios compatíveis com o Espírito Santo e os objectivos de Jesus Cristo.

✓ **Será verdade que passaremos a eternidade no céu? A Bíblia diz que os santos herdarão a terra e nela habitarão para sempre.**

Algumas passagens bíblicas descrevem um futuro glorioso reservado à terra. De acordo com o apóstolo Paulo, “toda a criação geme” e foi afectada pela queda e pecado do homem; mas participará na redenção gloriosa (Romanos 8:18-23). Segundo Pedro, haverá uma purificação do céu e da terra, da qual resultarão “novos céus e nova terra, em que habite a justiça” (II Pedro 3:13). João, o discípulo amado, diz que viu “um novo céu e uma nova terra”; e a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, será o lar dos “salvos” (Apocalipse 21, 22). Estou certo de que tal ambiente livre de pecado, dor, tristeza e morte—e cheio da glória de Deus e do Cordeiro—constituirá bastante céu para qualquer de nós. □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o **ENDEREÇO ANTIGO**

Nome _____

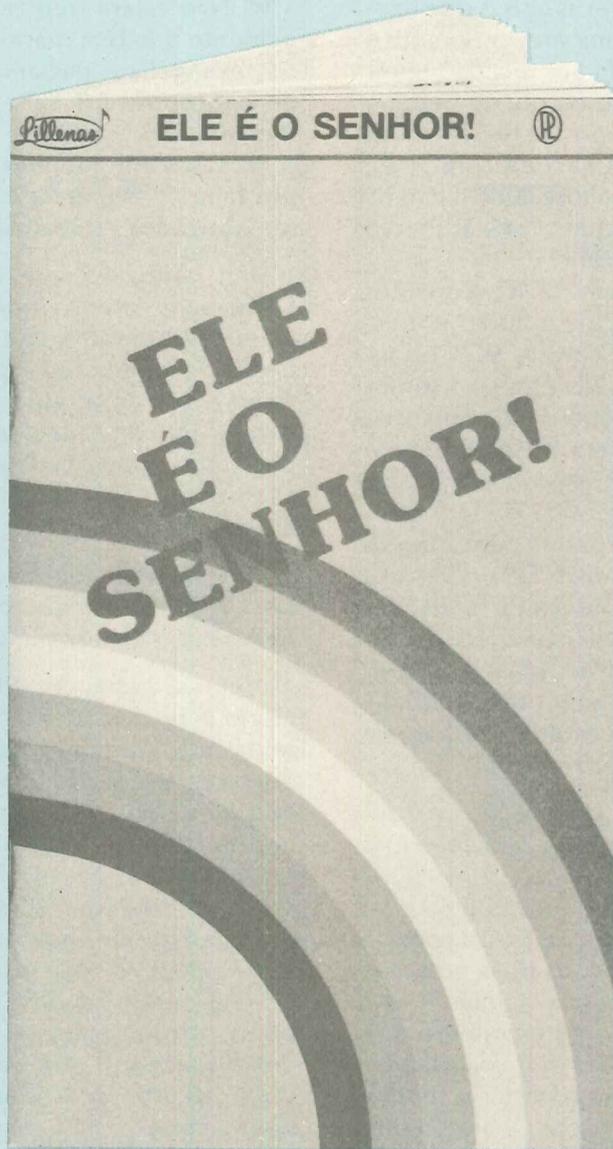
Endereço _____

NOVO ENDEREÇO

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5° E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US\$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.

NOVÍSSIMO!



NOVÍSSIMO!

- 40 músicas em arranjos especiais para jovens
- Capa a cores vivas e em material plastificado
- Muitas gravuras e ilustrações de elevado simbolismo e beleza

Preço US\$3.00

Faça hoje o seu pedido à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES